

Eis de novo aquele som.

Aquele som...

Escuto-o.

Mas não sei se está nos meus ouvidos ou na minha mente.

Não sei se está dentro ou fora de mim.

Não sei quando foi nem quem foi.

Será que é importante?

Foi importante?

Quem foi?

Costumava pensar que a vida era como um livro: viramos a primeira página e surge a seguinte e, virando página após página, acabamos por chegar à última. Mas a vida em nada se parece com uma história num livro. Pode haver palavras, as páginas podem estar numeradas, mas não há um enredo. Pode haver uma conclusão, mas não há um final.

Deixado para trás.

Como uma árvore cuidadosamente podada no terreno abandonado onde se demoliu uma casa em ruínas.

Como a água numa jarra depois de tirarem as flores murchas.

Deixado para trás.

Mas então o que resta de mim aqui?

Uma sensação de cansaço.
Eu estava sempre cansado.
Nunca houve uma altura em que não estivesse cansado.
Nem quando a vida me dominava, nem quando lhe fugi.
Não vivia com um propósito, vivia apenas.
Mas acabou tudo entretanto.

Observo devagar, como sempre.
Não é o mesmo cenário, mas é semelhante.
Alguns neste cenário monótono, existe dor.
Nesta ocasião aparentemente familiar, há momentos que doem.
Olho mais de perto.
Há muitas pessoas.
Todas elas diferentes.
Todas elas com espíritos diferentes, rostos, corpos e corações diferentes.
Sei isso, claro.
Mas, vistas de longe, parecem todas iguais, ou semelhantes.
Todos aqueles rostos parecem pequenas poças de água, nada mais.

Procuro-me a mim mesmo no primeiro dia em que pisei a plataforma da estação de Ueno, entre a multidão de pessoas que esperavam a chegada do comboio da linha circular de Yamanote.

Costumava olhar para a minha figura refletida em espelhos, vitrines e fotografias, e não me sentia confiante. Não creio que fosse particularmente feio, mas nunca tive uma aparência capaz de atrair a atenção de alguém.

A minha descrição e a minha incompetência perturbavam-me mais do que o meu aspeto físico, mas o pior de tudo era a minha falta de sorte.

Não tinha sorte nenhuma.

Escuto de novo aquele som. Apenas aquele som, como se fosse o sangue a correr, uma corrente intensa a fluir... Nesse momento,

só escutava aquele som, precipitando-se de um lado para o outro no meu crânio, como se houvesse uma colmeia na minha cabeça e centenas de abelhas tentassem voar para fora dela ao mesmo tempo, zumbindo e queimando e magoando; já não conseguia pensar em mais nada, as pálpebras crispavam-se-me e tremiam como se atingidas por gotas de chuva, cerrei os punhos, todos os músculos do meu corpo se retesaram...

O som despedaçava-me, mas não esmorecia

Não conseguia apanhá-lo e encurralá-lo, nem afastá-lo de mim.

Não conseguia fechar-lhe os ouvidos, não conseguia fugir-lhe.

Desde então, aquele som tem vivido comigo.

Vivido?...

VAI DAR ENTRADA NA PLATAFORMA NÚMERO DOIS O COMBOIO
COM DESTINO A Ikebukuro e Shinjuku. PARA SUA SEGURANÇA,
MANTENHA-SE, POR FAVOR, ATRÁS DA LINHA AMARELA.

*

Se saírem da estação de Ueno pelo lado do parque e olharem para a rua que segue em direção ao bosque de *ginkgos*, verão sempre alguns sem-abrigo.

Quando me sentava ali, sentia-me como uma criança que ficara órfã, apesar de os meus pais terem ambos vivido até aos noventa anos, sem nunca deixarem a sua aldeia em Sōma, na prefeitura de Fukushima. E, a seguir ao meu nascimento em 1933, ainda tiveram quatro filhas e três filhos: Haruko, Fukiko, Hideo, Naoko, Michiko, Katsuo e Masao.

Os catorze anos que me separavam de Masao faziam-no parecer mais meu filho do que meu irmão.

Mas o tempo tinha passado.

E aqui estou eu sentado, sozinho, a envelhecer...

Durante os meus breves sonos ligeiros, costumava rressonar, exausto, e, ao abrir os olhos de vez em quando, a rede de sombra

projetada pelas folhas dos *ginkgos* balouçava, e eu sentia que vagueava sem rumo embora estivesse aqui, embora já estivesse aqui neste parque há tantos anos...

— Basta. — A palavra saiu disparada do homem que parecia dormir; um fumo branco elevava-se, devagar, da sua boca e das suas narinas. A ponta rubra do cigarro que segurava na mão direita parecia prestes a queimar-lhe os dedos. Anos de suor e fuligem tinham tornado irreconhecíveis as cores da sua roupa, mas, com o boné liso de *tweed*, o casaco axadrezado e as botas de cabedal castanhas, parecia um caçador inglês.

Um carro seguia pela Yamashita-dōri no sentido de Uguisudani. O semáforo ficou verde, o aviso para deficientes visuais começou a apitar, e as pessoas vindas da estação pela saída do parque atravessaram a rua na nossa direção.

O homem inclinou-se para a frente ao ver as pessoas atravessarem a rua — pessoas com casas magnificamente decoradas —, parecendo procurar os limites da sua visão, e depois, de mãos trémulas, como se esse gesto lhe exigisse todas as forças que lhe restavam, levou o cigarro à boca para inalar — tinha a barba quase toda branca — e exalou de seguida, enquanto afastava a ideia da cabeça, abrindo os dedos envelhecidos para deitar fora o cigarro e esmagando a beata com a ponta da bota descolorada.

Outro homem, que dormia com um enorme saco transparente de latas apanhadas na rua entre as pernas, agarrava-se a um guarda-chuva de plástico translúcido como se este fosse uma bengala.

Uma mulher dormia de bruços, usando uma mochila grená como *futon* e os braços como almofada, com o cabelo branco preso por uma bandetele de borracha.

Os rostos tinham mudado, e a quantidade de pessoas diminuía.

Depois de a bolha especulativa rebentar, a população aumentou e o parque ficou tão apinhado de barracas de lona que já não se conseguia ver a relva, apenas os caminhos ou serviços como as casas de banho e os quiosques.

Sempre que um membro da família imperial vinha visitar um dos museus ou galerias do parque, havia um despejo em massa; éramos obrigados a desmontar as tendas, a sair do parque e, quando regressávamos depois de escurecer, encontrávamos novas tabuletas que diziam MANUTENÇÃO DO RELVADO EM CURSO: POR FAVOR, NÃO PISE A RELVA, restringindo ainda mais o espaço que podíamos ocupar.

Muitos dos sem-abrigo do Parque Oferta Imperial de Ueno vinham do Nordeste.

“A Porta de Entrada do Norte”: durante o *boom* económico do pós-guerra, muitos jovens do Nordeste tinham apanhado comboios noturnos para procurar trabalho na capital, em massa, e Ueno era o sítio onde desembarcavam. Quando regressavam de férias a casa, apenas com as malas que conseguiam carregar, Ueno era onde apanhavam os comboios.

Entretanto, passaram cinquenta anos; pais e irmãos morreram, e as casas de família para as quais devíamos ter regressado desapareceram para nós que vivíamos neste parque.

Os sem-abrigo sentados no muro de cimento à volta do bosque de *ginkgos* estão todos a dormir ou a comer.

Um homem com um boné de beisebol azul-escuro enfiado até aos olhos, uma camisa caqui de colarinho abotoado e umas calças pretas comia um *bento* pousado no colo.

Nunca nos faltava comida.

Havia um acordo tácito com os vários restaurantes antigos de Ueno: depois de fecharem à noite, muitos sítios não trancavam as portas das traseiras. Lá dentro, bem separada dos desperdícios alimentares, a comida que não fora vendida encontrava-se cuidadosamente dividida e embalada.

Também as lojas de conveniência punham os *bentos*, sanduíches e bolos fora do prazo de validade ao lado do contentor, de modo que, se chegássemos antes da recolha do lixo, podíamos levar tudo o que quiséssemos. Quando estava bom tempo, tínhamos de comer logo os alimentos, mas, quando estava frio, podíam-